

ASSOCIAÇÃO



Concertos Comemorativos do
90.º Aniversário do Nascimento de
Fernando Lopes-Graça

Integralmente preenchidos
com obras do compositor

TOMAR - CASCAIS - LISBOA

7 - 15 - 17 de Dezembro de 1996

CONCERTO PREPARADO INTEGRALMENTE
COM OBRAS DE FERNANDO LOPES-GRÇA

TOMAR

Auditório da Escola Superior de Tecnologia e Gestão
7 - 12 - 1996 – às 17 horas

CASCAIS

Teatro Gil Vicente
15 - 12 - 1996 – às 21.30 horas

LISBOA

Teatro Municipal de São Luis
17 - 12 - 1996 – às 21.30 horas

PATROCÍNIO

Barclays Bank

APOIOS

Câmara Municipal de Tomar
Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Tomar
Câmara Municipal de Cascais
Câmara Municipal de Lisboa
Fundação Oriente

CONCERTO PREENCHIDO INTEGRALMENTE COM OBRAS DE FERNANDO LOPES-GRAÇA

Primeira Parte

Canções Regionais Portuguesas do Minho ao Algarve

- *Aproveitai a azeitona* (B. Baixa)
- *Maria da Conceição* (B. Baixa)
- *S. João de Louredo de Guilhofrei* (Minho)
- *Anda, duérmete, niño* (T. Montes)
- *Morena, linda morena* (T. Montes)
- *Oração de Sto. António* (Algarve)
- *A Senhora d'Aires* (Alentejo)
- *A moda da Rita* (Alentejo)

Três Encomendações das Almas

- *Se dormis, cristãos*
- *Rezemos um Padre-Nosso*
- *Alerta, alerta*

Cantos Tradicionais Portugueses da Natividade, Janeiras e Reis

(da I e II Cantatas do Natal)

- *Nasceu, já nasceu* (II)
- *Do verão nasceu a vara* (I)
- *Os pastores em Belém* (I)
- *Inda agora aqui cheguei* (II)
- *Partidos são do Oriente* (I)
- *Reis de Alguber* (Estremadura) 1ª Audição
- *Partiram os três Reis Magos* (B. Baixa)
- *Hoje é dia de Janeiro* (II)

Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música
Direcção – José Robert

Segunda Parte

Tríptico de D. João (1990) – José Saramago

1. *Orgulho de D. João no Inferno*
2. *Lamento de D. João no Inferno*
3. *Sarcasmo de D. João no Inferno*

Nove Odes de Ricardo Reis (1987) – Fernando Pessoa
(1.^a Audição)

1. *Coroai-me de rosas*
2. *Aqui, dizeis*
3. *Ao longe os montes*
4. *Bocas roxas de vinho*
5. *Já sobre a frente vã*
6. *Olho os campos, Neera,*
7. *O ritmo antigo*
8. *O mar jaz*
9. *O Deus Pã não morreu*

Canto — Jorge Vaz de Carvalho
Piano — Filipe de Sousa

CORO “LOPES-GRAÇA” DA ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA

Fundado em 1946 por F. Lopes-Graça, o Coro esteve inicialmente ligado ao Movimento de Unidade Democrática e só em 1950 foi oficialmente incorporado na A.A.M., tendo nessa altura adoptado o nome de Coro da Academia de Amadores de Música. O Coro foi dirigido pelo seu fundador até 1986, tendo a partir desse ano passado a contar com a direcção de José Robert, maestro-adjunto de Lopes-Graça de 1974 a 1985. No seu início, o repertório do Coro era constituído pelas “Canções heróicas” que Lopes-Graça havia começado a compor no Verão de 1944 em estreita colaboração com os autores dos poemas (Carlos de Oliveira, João José Cochofel, José Gomes Ferreira, Armindo Rodrigues, Arquimedes da Silva Santos, Edmundo Bettencourt, Joaquim Namorado, Mário Dionísio, entre outros), e as apresentações públicas incluíam declamação de poesia por Manuela Porto, bem como sessões de teatro a cargo de um grupo de amadores por ela criado. A partir da década de 50 um cada vez maior número de canções regionais portuguesas, em harmonização de F. Lopes-Graça, integrou o repertório do Coro e, devido a condicionamentos políticos da época, as “Canções heroicas” deixaram de ser cantadas nos concertos públicos. O Coro passou então a apresentar-se exclusivamente como instrumento de divulgação da canção regional portuguesa e recolhe admiração e aplauso junto da crítica musical da época, conseguindo ao mesmo tempo um grande impacto de comunicação junto das populações rurais e suburbanas. O Coro actuou em todo o tipo de salas e lugares perante as mais variadas assistências, por todo o País, tendo-se deslocado a Paris (Dezembro de 1974) e a Luanda (Abril de 1979). João de Freitas Branco (in *Gazeta Musical*, Lisboa 1959) escreveu: “Fundando e dirigindo o Coro da Academia de Amadores de Música, Lopes-Graça criou o meio de dar realidade sonora às suas harmonizações. O mais notável não é, todavia, o ter fundado e assumido a direcção, mas sim o formar em Portugal uma unidade polifónica persistente em existir, progredir e servir compenetradamente uma causa de cultura”. Por decisão unânime da Assembleia Geral de 15.12.94, passou a designar-se “Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música”.

JOSÉ ROBERT

Desde muito cedo a actividade musical de José Robert incidiu no estudo e prática da música Coral, pois que, simultaneamente com os seus estudos musicais, fez parte activa e regular de vários agrupamentos corais, infantis e juvenis, com especial incidência na polifónica.

Após ter concluído o Curso de canto Gregoriano, estudou harmonia e composição com o Dr. Manuel Luís, praticou Direcção Coral e Música de Câmara com Viçoso Freire, dirigindo a Schola Cantorum do Seminário Patriarcal dos Olivais durante vários anos.

Foi co-fundador do Coro da Fundação Gulbenkian, onde permaneceu oito anos. Posteriormente depois de dirigir o Orfeão Scalabitano, assumiu a Direcção Artística do Choral Phidellius, cargo que ocupa desde 1971, dirigindo também, desde 1974 como adjunto de Fernando Lopes-Graça e a partir de 1988 como titular, o Coro da Academia de Amadores de Música.

Frequentou diversos cursos e seminários de Direcção Coral e Orquestral no País e no Estrangeiro. Nomeadamente trabalhou com Pierre Kaelin, Heinz Henning, Arnaudaf, da Bulgária, Herbert Jorris e, em Berlim, frequentou o Curso Internacional para Directores de Coros Mistos, sob a orientação de Gertrichmuth, de Leipzig.

Desde 1979, e com regularidade, dedica parte da sua actividade à formação técnica e artística de Directores Corais, orientando, a convite da Secretaria de Estado da Cultura e de outros organismos oficiais e particulares, diversos cursos de Direcção Coral em várias zonas do País. Diplomado com o Curso Superior de Educação pela Arte do Conservatório Nacional de Lisboa é, desde 1981, o Director Artístico do Coro da Universidade de Lisboa e, desde 1986, do Coro da ATLNEC. Desde Outubro de 1991 desempenha o cargo de professor de Direcção Coral na Academia de Amadores de Música de Lisboa.

JORGE VAZ DE CARVALHO

Estreou-se como cantor lírico em 1984, interpretando *Belcore* de *L'Elisir d'Amore*, de *Donizetti*, no Teatro Nacional de S. Carlos, em Lisboa, a cuja companhia residente pertenceu até iniciar a sua carreira internacional.

Dos inúmeros papéis que desde então desempenhou, destacam-se: *D. Giovanni*, o *Conde Almaviva* de *Le Nozze di Figaro* e *Guglielmo de Così Fan Tutte*, de Mozart; *Figaro* de *IL Barbiere di Siviglia*, de Rossini; *Germont* de *La Traviata*, de Verdi; *Lescaut* de *Manon Lescaut*, Marcello, de *La Bohème* e *Sharpless* de *Madama Butterfly*, de Puccini; *Enrico* de *Lucia di Lammermoor* de *Donizetti*; *Escamillo* de *Carmen*, de Bizet; *Albert* de *Werther*, de Massencij; *Mercutio* de *Roméo et Juliette*, de Gounod; *Wolfram* de *Tannhahauser*, de Wagner; *Faust/Dr. Marianus* de *de Szenen aus Goethes Faust*, de Schumann; *Dr. Falke* de *Die; Fledermaus*, de J. Strauss; *Smirnoff* de *the Bear*, de W. Walton; *Bartolomeu* de *Gusmão* de *Blimunda*, de Azio Corghi.

Dedicado igualmente aos compositores portugueses, foi criador de *Mefistófeles* de *As Três Máscaras*, de *Maria de Lurdes Martins*; de *Visconde Henrique* de *Os Canibais*, de *João Paes*, que gravou para o filme de *Manoel de Oliveira*; e, recentemente, de *Édipo*, protagonista da ópera de *António Pinho Vargas*.

Apresenta-se regularmente em recital e a sua actividade concertista abrange um vasto repertório que inclui todos os grandes compositores.

A sua carreira internacional tem-se desenvolvido com grande sucesso em países como a *Bélgica*, *China*, *Espanha*, *Israel*, *Japão* e, principalmente, *Alemanha* e *Itália*.

FILIPE DE SOUSA

Natural de Moçambique, diplomou-se em filologia clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e em piano e composição no Conservatório Nacional de Música, nas classes dos Prof. Abreu Mota e Croner de Vasconcellos. Como bolseiro, prosseguiu os seus estudos musicais em Munique, Viena e Hilversum onde também se diplomou em direcção de orquestra.

Como pianista, revelou, entre nós inúmeras obras de compositores contemporâneos, como *Stravinsky*, *Bartók*, *Hindemith*, *Schönberg*, *Prokofiev*, *Camargo Guarnieri*, etc.

Como director de orquestra apresentou-se em Portugal, na *Bélgica*, na *Rússia*, no *Brasil*, em *Moçambique* e na *África do Sul*.

Foi um dos fundadores da J.M.P., do Grupo Experimental de Ópera de Câmara de Lisboa, e do Conselho Nacional da Música; presidente do Sindicato dos Músicos; professor do Conservatório e chefe do Serviço de Programas Musicais da RTP.

No campo da pesquisa musical, recuperou dezenas de obras de antigos compositores portugueses, como *António Teixeira*, *Francisco António de Almeida* e *João Domingos Bontempo*. Como compositor, a sua obra abrange, além de música para teatro, televisão e cinema, música sinfónica e, em particular, música de câmara.

NOVE ODES DE RICARDO REIS

1

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas –
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta.

2

Aqui, dizeis, na cova a que me abeiro,
Não stá quem eu amei. Olhar nem riso
Se escondem nesta leira.
Ah, mas olhos e boca aqui se escondem!
Mãos apertei, na alma, e aqui jazem.
Homem, um corpo choro!

3

Ao longe os montes têm neve ao sol,
Mas é suave já o frio calmo
Que alisa e agudece
Os dardos do sol alto.

Hoje, Neera, não nos escondamos,
Nada nos falta, porque nada somos.
Não esperamos nada
E temos frio ao sol.

Mas tal como é, gozemos o momento,
Solenes na alegria levemente,
E aguardando a morte
Como quem a conhece.

4

Bocas roxas de vinho
Testas brancas sob rosas,
Nus, brancos antebraços
Deixados sobre a mesa:

Tal seja, Lídia, o quadro
Em que fiquemos, mudos,
Eternamente inscritos
Na consciência dos deuses.

Antes isto que a vida
Como os homens a vivem,
Cheia da negra poeira
Que erguem das estradas

5

Já sobre a fronte vã se me acinzentá
O cabelo do jovem que perdi.
Meus olhos brilham menos.
Já não tem jus a beijos a minha boca.
Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo.

6

Olho os campos, Neera,
Campos, campos, e soffro
Já o frio da sombra
Em que não terei olhos.
A caveira antessinto
Que serei não sentindo,
Ou só quanto o que ignoro
Me incógnito ministre.
E menos ao instante
Choro, que a mim futuro,
Súbdito ausente e nulo
Do universal destino.

7

O ritmo antigo que há em pés descalços,
Esse ritmo das ninfas repetido,
Quando sob o arvoredó
Batem o som da dança,
Vós na alva praia relembrai, fazendo,
Que scura a spuma deixa; vós, infantes,
Que inda não tendes cura
De ter cura, responde
Ruidosa a roda, enquanto arqueia Apolo,
Como um ramo alto, a curva azul que doura,
E a perene maré
Flui, enchente ou vazante.

8

O mar jaz; gemem em segredo os ventos
Em Éolo cativos;
Só com as pontas do tridente as vastas
Águas franze Neptuno;
E a praia é alva e cheia de pequenos
Brilhos sob o sol claro.
Inutilmente parecemos grandes.
Nada, no alheio mundo,
Nossa vista grandeza reconhece
Ou com razão nos serve.
Se aqui de um manso mar meu fundo indício
Três ondas o apagam,
Que me fará o mar que na atra praia
Ecoa de Saturno?

9

O deus Pã não morreu,
Cada campo que mostra
Aos sorrisos de Apolo
Os peitos nus de Ceres —
Cedo ou tarde vereis
Por lá aparecer
O deus Pã, o imortal.

Não matou outros deuses
O triste deus cristão.
Cristo é um deus a mais,
Talvez um que faltava.

De «Odes de Ricardo Reis» – Fernando Pessoa

TRÍPTICO DE D. JOÃO

ORGULHO DE D. JOÃO NO INFERNO

Bem sei que para sempre: onde caí
Não há perdão ou letra de resgate.
Mas fui, quando vivi, o sal da terra.
A flor azul, o cetro de escarlate.
Aqui, se condenado, não esqueci,
Nem morto estou sequer: torno a ser eu
No sangue da mulher que, acesa, pede
Aquele modo de amar que foi o meu.

LAMENTO DE D. JOÃO NO INFERNO

Das ameaças do céu me não temi
Quando da terra as leis desafiei:
O lugar dos castigos é aqui,
Do céu nada conheço, nada sei.
O cilício do Diabo não me cinge,
Nem a mercê de Deus aqui me segue:
A chama mais ardente é a que finge
Este cheiro de mulher que me persegue.

SARCASMO DE D. JOÃO NO INFERNO

Contra mim, D. João, que pode o inferno,
Que pode o céu e todo o mais que houver?
Nem Deus nem o Diabo amaram nunca
Desse amor que junta homem a mulher:
De pura inveja premeiam ou castigam,
Acredite, no resto, quem quiser.

De «Os Poemas Possíveis» – José Saramago

Patrocínio



Apoios



**CÂMARA MUNICIPAL
DE
TOMAR**



**ESCOLA SUPERIOR DE
TECNOLOGIA E GESTÃO
DE
TOMAR**



**FUNDAÇÃO
ORIENTE**